

Evocação e aprendizado

Luiz Meyer

Num breve comentário ao texto do seminário clínico, são sublinhadas a atmosfera participativa do grupo e a forma, sempre não-dogmática, com a qual Pierre Fédida se comporta na discussão.

Era um quase-sósia de Einstein, porém com o rosto mais afilado; mantinha a boca um pouco aberta num sorriso caloroso acompanhado no olhar de um constante grão de ironia. Conheci Fédida no início dos anos 70. Num fim de tarde em Brasília, onde eu era professor de psiquiatria, recebi um telefonema confuso de um europeu que se sentia seqüestrado no seu quarto de hotel e oprimido pelo panorama desértico que enxergava da janela. Procurava alguém para resgatá-lo. Chegara de Belo Horizonte (!) onde lhe haviam dado meu nome. Encontramo-nos logo depois: já vestia aquele seu terno bege de arquiteto, combinando com a camisa azul-oxford, deixando a gravata frouxa no colarinho; no bolso do paletó entrevia-se a onipresente caixa de cigarrilhas. Dizer que caímos um nos braços do outro seria certamente abuso retórico, mas era sempre dessa maneira que nós três, minha mulher inclusa, recordávamos a ocasião. Cada qual, por

razão particular e distinta, estava sôfrego por falar, e assim a conversa variada alongou-se noite adentro. Desde então, ao longo desses 30 anos víamo-nos sempre que o destino nos ajudava. O último encontro deu-se no Congresso da IPA (*International Psychoanalytic Association*) em Nice, quando nos convidou para almoçar no ensolarado terraço do Colombe D'Or em Saint Paul de Vence. O calor nos envolvia enquanto garfávamos uma abundante *assiette de crudités* acompanhada de pão e vinho da Provença. Da conversa intensa recordo dois momentos: disse que estava escrevendo – e já concluía – o primeiro volume de um escrito de caráter confessional (fez um ar misterioso, maroto e confesso que fiquei surpreso). Depois, bastante sombrio falou-nos de sua angústia diante da ameaça que representava a hegemo-

Luiz Meyer é psicanalista e membro efetivo da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo

O delineamento desse problema – ser psiquicamente vivo e ao mesmo tempo fóbico a essa vida – norteou a postura de Fédida ao longo da discussão. Ela própria, contudo, desenvolveu-se nos antípodas dessa postura: daí a atmosfera que ali reinava.

nia da cultura americana e da força do capital que a ela se atrelava (estávamos em agosto – os ataques às torres em Nova York ocorreriam em setembro).

O que me impressionava quando o escutava em discussões, seminários e supervisões não era apenas o conteúdo do que dizia ou a sua

profunda erudição, mas o fato de *ver*, diante de mim, criar-se e organizar-se o pensamento. Não falava *sobre* o paciente, ou *sobre* a análise, não teorizava, não era exegeta: ele se abria à situação, deixava-se afetar por ela, e o que nos dizia era o produto elaborado desse impacto: psicanálise encarnada da vida psíquica.

A editoração, necessária, feita no seminário transcrito, submetendo-o a vários cortes, não faz justiça à atmosfera solta que ali reinou. É que ela se desenrolou nas antípodas do que Fédida apontou ser a questão do paciente: “não poder viver a intensidade da vida psíquica”. O delineamento desse problema – ser psiquicamente vivo e ao mesmo tempo fóbico a essa vida –, norteou a postura de Fédida ao longo da discussão, tornando-se seu referente. É ele que o leva a sugerir a contenção na/da interpretação de modo que a discussão passa a ter como foco tanto o perigo do analista formular algo diluidor, “demasiado expressivo”, quanto à capacidade-necessidade do analista de conviver com o incômodo até que esse possa tornar-se produtivo.

É verdade, entretanto, que há um paciente-ranho que protege esse aspecto da sua personalidade valendo-se de um paciente-gorila-tarado. Assim, essa dupla construção já é um modo de dar figurabilidade à vida psíquica, concebida como traumática, insuportável. Num meio impregnado de pensamento kleiniano, ganha vida um debate entusiasmado: ele opõe “a submissão ao terrorismo da interpretação” à necessidade de tornar explícita a angústia latente, de nomear estados psíquicos, de dar inteligibilidade ao fato que não é a vida mental em si que é traumática, mas a percepção de sua existência, o convívio com ela.

Não surpreende que Fédida tenha mantido até o fim, de modo consistente, sua posição. O essencial é que ele o tenha feito – como o fez ao longo de sua vida – sem nenhum dogmatismo.